

A Televisão na Educação

JUAREZ BAHIA

(Do Centro Paulista de Rádio e TV Educativa
e Prof. da Escola de Comunicações da
Universidade de São Paulo.)

“A melhor educação está em conseguir as melhores informações através dos meios mais simples.” A.N. Whitehead.

A posição da televisão educativa brasileira ainda não está suficientemente documentada, apesar de ser ela o resultado de uma luta de pelo menos duas décadas, desde que despertamos para a necessidade de estender aos milhões de interessados os benefícios da instrução de massa por meio de novas tecnologias aplicadas à educação.

Na verdade, do despertar das possibilidades à concretização dos planos viáveis, ficamos conhecendo a experiência de nações desenvolvidas e que há trinta anos exercitam programas públicos de radiodifusão educativa. Estes programas, mais tarde absorvidos pela televisão, constituíram os estímulos iniciais para nós. A TV Universitária de Pernambuco, com a sua atividade pioneira, é um fruto dessa aprendizagem condicionada à faixa instrutiva.

Do meio para o fim dos anos 60 é que a televisão educativa brasileira se projeta na dimensão de sistema, ou, para usar uma linguagem comum no contexto da comunicação, se define como meio especializado, reconciliando a função informativa com a função formativa e, sobretudo, abrindo no espaço social um tempo integral — portanto, mais do que prioritário — à educação indireta e não convencional.

A história da televisão educativa, no mundo inteiro e aqui também, é uma história dos nossos dias, mas principalmente, a história de um veículo que sem perder o caráter informativo se exprime por uma natureza formativa, isto é, transcende o âmbito e o objetivo da televisão comum para situar-se, guardadas as naturais diferenças, no âmbito e no objetivo da escola, com tôdas as implicações de ferramenta da educação.

O poder irresistível da televisão educativa está efetivamente na sua simplicidade. Nesse campo especializado da comu-

nicação de massa — nessa extensão da escola de todos os graus — a capacidade de influência ética supera eventuais desajustamentos de programações. A televisão educativa brasileira tem um exemplo neste particular: aqui ela se prometeu e se realiza praticamente sem o **background** do rádio educativo. Quer dizer, a um só tempo, sem o capital que a televisão comercial recolheu do rádio comercial; e sem as vantagens sedimentadas que a rede de educação pelo rádio forneceu, na maioria dos países onde a televisão educativa prosperou.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

Uma das dificuldades, talvez a maior dificuldade de compreensão que ainda se demonstra em relação à televisão educativa, está num elemento conceitual perfeitamente explicável. Para os que relutam em compreender o papel inovador da televisão educativa, tudo mudou, menos o conceito de educação, melhor até, menos a palavra educação. E assim, parece difícil reconhecer certas mudanças, como as novas necessidades culturais, as explosões demográficas e as revoluções tecnológicas se a elas não se associa a mudança da palavra educação. Trata-se de mudança implícita na própria tecnologia. Desde que, de qualquer ponto da terra, uma estação de baixo custo para satélites pode se transformar na base de transmissão de educação avançada pelo rádio e pela televisão para tôdas as regiões do Brasil.

A palavra mudou, a educação em si mudou, a partir da evidência de que, de uma necessidade estrita num mundo de vizinhança, passou a uma necessidade universal numa sociedade industrial e igualmente aberta, de consumo e livre, conjugando de uma só vez diferentes mundos. A programação de ensino, com a absorção de teorias e de máquinas eletrônicas, projeta a educação nesse vasto ângulo universal, alterando suas aplicações na medida em que a complexidade das idéias e das mensagens a serem comunicadas encontram recepção mais simples e mais fácil.

Na educação com emprêgo de transmissão eletrônica, a televisão educativa se divide nos ramos da instrução e da educação. A televisão instrutiva, mais limitada, mais próxima do ensino do professor e da escola, daí dizer-se mais escolar. A televisão educativa, mais ampla, mais distante do professor, menos escolar e mais versátil buscando uma afirmação cultural. No caso brasileiro, uma e outra não puderam exercitar, como seria desejável, a contribuição da educação pelo rádio, tendo a forjar, quase ao mesmo tempo, os fundamentos de uma tele-

educação moderna, seguindo o modelo de um país em desenvolvimento e em reformulação institucional, envolvido por conflitos estruturais profundos e cercado, às vezes, por opções fantásticas, como a de saltar, nos usos da transmissão eletrônica, de um estágio atrasado de rádio educativo para a televisão educativa e para a educação pela televisão com o emprêgo de satélites. Equivale dizer, estamos saindo no País de fronteiras continentais — em que o rádio captado na Amazônia limita-se à onda curta estrangeira — de uma longa idade da escola oral e só acidentalmente da oralidade amplificada na escola, para uma idade da escola ampliada até o uso de um satélite de tecnologia aplicada em condições de cobrir todo o território.

Menos de três anos depois da implantação da TV Universitária do Recife, em nível de televisão instrutiva, conhece o Brasil a fórmula de televisão educativa criada pela TV Cultura de São Paulo. Em um ano de atividade, essa escola eletrônica produziu um fenômeno educacional, operando numa área geoeconômica altamente sofisticada, como a da Grande São Paulo, não concorrendo, mas competindo em duas frentes de consumo extremamente contraditórias, porém, igualmente inevitáveis: na primeira frente, o estabelecimento mercantilizado da madurez ginásial, alimentado por uma das crises infra-estruturais da escola antiga, com padrão médio de eficiência indefinível e no entanto reconhecidamente motivador, representado pelos cursinhos; na segunda frente, o hábito de audiências tradicionais de televisão comercial, estimulado por dois índices constantes e não necessariamente contrastantes — o índice do grande espetáculo de baixo nível artístico e o índice do **show de auditório** como amostra ideal de prestígio.

O fenômeno da TV Cultura está em que, no plano da madurez ginásial, a expectativa de motivações foi respondida com uma realidade mobilizadora. Em 69, antes do curso de madurez pela televisão (em moldes educativos e não instrutivos), o comparecimento aos exames de madurez do Estado totalizou 17 mil inscritos. Em 70, coincidindo os exames de habilitação com o fim do curso de madurez pela televisão, as inscrições consumiram cerca de 130 mil formulários. São números de um fenômeno, o resultado do impacto educacional da TV Cultura. Uma demanda de inscrições decuplicada quase e que se tem a crédito do meio e do seu método educativo.

CRESCIMENTO

Uma televisão educativa não pode ficar à mercê, por assim dizer, de formas clássicas de mediação de audiência. Isto se

aplica no caso da TV Cultura. De centro gerador e distribuidor de programas — decorrência de seu papel local como veículo de comunicação — emergiu para a situação de centro produtor de programas, uma nova necessidade no contexto das potencialidades brasileiras no campo da educação por transmissão eletrônica. Hoje, a TV Cultura oferece aos estudiosos uma pesquisa curiosa: o seu método educativo que explica o fenômeno de mobilização em São Paulo, é aceito não só num ambiente de aprendizagem provada como o de Pernambuco, mas em Estados do Norte e Nordeste, do Sul e Centro-Sul, onde até há algum tempo educadores ortodoxos identificavam barreiras linguísticas intransponíveis.

Da experiência com o seu curso de madureza ginásial, parte a TV Cultura, com a mesma fórmula educativa, para a experiência regional e não tão só local, da educação de base — alfabetização de adultos com objetivos de alcançar analfabetos e semi-analfabetos — através de uma programação ativa, inspirada certamente na convicção de que a televisão como meio de educação constitui, com ou sem satélite, uma tecnologia avançada para a democratização do ensino e a multiplicação de laços culturais notadamente entre indivíduos para os quais a escola convencional ainda permanece fechada.

Êsse crescimento desmedido da audiência da televisão educativa nos moldes da que faz a TV Cultura — uma simbiose de instrução, educação e cultura, compreendida em níveis de hierarquia do conhecimento — é possivelmente o indício mais forte da recepção que espera o sistema de televisão educativa nacional. Não apenas em termos de alcance de transmissões. Mas, também, em termos de conteúdo, vale dizer, em termos de doutrina, de filosofia, de comportamento. Pois, somadas agora as experiências da TVU e da TVC, logo mais acrescidas de estações estaduais de televisão educativa, já pode o Brasil falar de um sistema de televisão para a educação — e sistema porque inspira um modelo nacional, fruto de características nacionais. Êste é, aliás, um dos aspectos mais positivos da televisão educativa brasileira. Na medida em que se expande, acumula resultados que se conciliam com o modelo econômico político, histórico e moral da Nação, refletindo, assim, de forma plena, uma etapa do desenvolvimento social.

São contribuições pioneiras as que explicam no Brasil a existência e a penetração da televisão educativa como meio especializado e como instrumento de aceleração do nosso desenvolvimento.